



# A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA IDENTIDADE PARA CIGANOS EM VERBETES DICIONARÍSTICOS

## THE DISCURSIVE CONSTRUCTION OF IDENTIDY FOR GYPSIES IN DICTIONARISTIC VERBETS

Marilene Gomes de Sousa LIMA<sup>1</sup>

Amanda BRAGA<sup>2</sup>

Laís Cavalcante ALMEIDA<sup>3</sup>

Ana Beatriz Albuquerque Aragão CORDEIRO<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Mestre em Linguística (PROLING) pela Universidade Federal da Paraíba (Linha: Aquisição da Linguagem e Processamento Linguístico). E-mail: marilenegomes95@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Departamento de Língua Portuguesa e Linguística e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba - Campus I. E-mail: amandabraga\_jp@hotmail.com.

<sup>3</sup> Mestre em Linguística pelo PROLING-UFPB (2018). Doutoranda em Linguística pelo PROLING-UFPB. E-mail: prof.almeidalais@gmail.com.

<sup>4</sup> Graduada em Letras/Inglês pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: beatrizalbuquerquea@gmail.com.





## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o verbete cigano em dicionários dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI com vistas a compreender como a identidade para ciganos foi construída no Brasil de forma a engendrar o anticiganismo na memória discursiva dos não-ciganos. Para tanto, este trabalho sustenta-se nos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso francesa, sobretudo nas contribuições de Michel Foucault (2010) e de Jean-Jacques Courtine (2009), para analisar a emergência dos enunciados e a produção de seus efeitos de sentido em meio às continuidades e descontinuidades do processo histórico.

## PALAVRAS-CHAVES

Discurso; identidade; ciganos; dicionários.

## ABSTRACT

This work aims to analyze the gypsy entry in dictionaries from the 18th, 19th, 20th and 21st centuries in order to understand how the identity for gypsies was built in Brazil in order to engender anti-gypsyism in the discursive memory of non-gypsies. For this purpose, this work is based on the theoretical and methodological assumptions of the French Discourse Analysis, especially on the contributions of Michel Foucault (2010) and Jean-Jacques Courtine (2009), to analyze the emergence of statements and the production of their effects meaning amid the continuities and discontinuities of the historical process.

## KEY WORDS

Discourse; identity; gypsies; dictionaries.



## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O dicionário, como ferramenta de poder, é um instrumento de produção, manutenção e propagação de discursos e, conseqüentemente, de identidades (NUNES, 2010). Partindo desse pressuposto, neste trabalho, buscamos analisar o verbete *cigano* em dicionários dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI, com vistas a compreender como a identidade *para* ciganos vem sendo construída no Brasil, de forma a engendrar o anticiganismo na memória discursiva dos não-ciganos.

A princípio, é preciso dizer que alguns ciganólogos, a exemplo de Locatelli (1981)<sup>5</sup>, Fazito (2006), Teixeira (2008) e Souza (2013), já citaram, ainda que brevemente, a promoção do ensino e da manutenção de termos pejorativos para os ciganos por parte dos dicionários. No entanto, nossa investigação se justifica pela lacuna de uma análise que considere a espessura histórica dos discursos que estão aí materializados, levando em conta um arquivo construído entre os séculos XVIII e XXI cuja análise faz valer a incidência da memória discursiva na construção dos discursos e das identidades.

### 1. REFERENCIAIS TEÓRICOS: IDENTIDADE, ENUNCIADO, MEMÓRIA

Ao analisar os dicionários que compõem o *corpus* desta pesquisa, identificamos um lugar de status no âmbito da aprendizagem e da documentação histórica de uma língua. Esse status pode ser justificado pela sua presença em salas de aula e pela sua relevância na documentação dos deslocamentos de uma língua, uma vez que ao dicionário é conferido o papel de voz autorizada

---

<sup>5</sup> Embora seu estudo tenha contribuído para formação de estereótipos (GOLDFARB, 2013), o autor já apresentava, brevemente, o verbete *cigano* e a presença do substantivo *ciganice* no Dicionário Aurélio de 1974.



no que se refere aos sentidos produzidos pelas palavras. Por tais motivos, consideramos que esse instrumento pode exercer uma grande influência na construção das identidades atribuídas aos grupos que figuram entre os verbetes.

Por identidade, estamos entendendo, neste trabalho, um processo em curso, cuja trajetória é imprevisível e não linear. A respeito disso, Sousa Santos afirma que as identidades são

resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem, país africano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso. (SOUSA SANTOS, 1993, p.31).

Assim, mesmo os dicionários, que buscam, sistematicamente, cristalizar seus verbetes, acabam por deslocar suas descrições com o passar dos anos. As identidades, de maneira análoga e enredadas, também, pelos dicionários, já não podem ser consideradas enquanto produto estável e alheio às vicissitudes da história, o que desnuda a descontinuidade das identidades sólidas no atual momento histórico: “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno (HALL, 2011, p.7). Essa fragmentação de identidades propicia um novo olhar sobre as culturas sociais até então pensadas como homogêneas, entendendo-as, assim, como “atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo unificadas apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural” (HALL, 2011, p. 62).



Paralelamente a isso, quanto aos estudos acerca das identidades no interior dos estudos do discurso, têm-se, como premissa básica, que nenhuma identidade, justamente por ser construída discursivamente, emerge de modo neutro ou isolado daquelas que a antecedem: as identidades, assim como os discursos e os enunciados, constituem-se por meio de formulações anteriores, já enunciadas, que participam de sua construção e as oferecem possibilidade de emergência. Assim, não apenas as identidades carregam memórias em relação àquelas que lhes são pré-existentes, como, também, servem de referência para a construção de identidades futuras.

Nesse sentido, propõe-se a consideração dos verbetes dicionarísticos enquanto enunciados no sentido proposto por Foucault (2010), cuja análise deve considerar as condições de produção em que emerge e sua relação de memória ligada aos enunciados com que se relaciona. Acerca disso, Foucault (2010, p. 114) questiona: “quais as condições (econômicas, políticas, sociais etc.) que possibilitaram, em certo momento histórico, o aparecimento de um determinado enunciado e não outro em seu lugar”? A reflexão desses pontos confere a Foucault uma análise sobre as condições que permitem o aparecimento de certos enunciados e a proibição de outros, uma vez que, a depender do momento histórico, há enunciados que podem emergir e outros que devem ser abafados: “[s]ilenciamento e exposição são duas estratégias que controlam os sentidos e as verdades” (GREGOLIN, 2007, p. 15).

Os enunciados são, portanto, materialidades discursivas que representam um fragmento da história e que obedecem a uma função enunciativa. Para circundar essa função enunciativa, Foucault (2010) apresenta quatro características do enunciado. A primeira delas diz





respeito ao seu referencial: “o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que estão postas em jogo pelo próprio enunciado” (FOUCAULT, 2010, p. 102) – ou seja, as regras de existência ou as leis de possibilidade do enunciado, bem como as relações que estabelece em sua emergência.

Na segunda característica, têm-se como imperativa a caracterização do autor ou da instância produtora do enunciado, o qual não deve ser reduzido à função gramatical, uma vez que “um único indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos” (FOUCAULT, 2010, p. 105), motivo pelo qual será importante, em nossa análise, atentar para a posição sujeito ocupada pelo autor no momento de produção da obra.

Já na terceira característica, na qual nos concentramos para o desenvolvimento do presente trabalho, o foco recai sobre o “domínio associado” que permeia o enunciado. Aqui, destaca-se que o enunciado tem suas margens povoadas por outros enunciados, em uma relação mútua de diálogo. É este diálogo que, segundo Foucault, produz um efeito de memória de um enunciado a outro, na medida em que estão sempre opondo-se, criticando-se, ratificando ou retificando uns aos outros: “não há enunciado que não suponha outro; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão” (FOUCAULT, 2010, p. 112).

Por fim, a quarta característica define que o enunciado deve ter existência material. Isso pressupõe que, para que a análise de um enunciado seja realizada, é necessário, primeiramente, que este seja materializado,





seja por meio de som, de sinais, de imagens ou de qualquer outro tipo de signo (FOUCAULT, 2010).

Se nos detemos na terceira característica, temos que é, justamente, na relação entre um enunciado e outro que existe um efeito de memória, a partir do qual Courtine proporá o conceito de memória discursiva. Segundo o autor, a memória discursiva não se refere às questões psicológicas às quais se dedicam os psicolinguistas. Ela dispõe de um entrosamento entre discursos pertencentes a vários recortes na história e é influenciada por diferentes lugares sociais. Nas palavras de Courtine (2009, p. 105-6), “a noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior das práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos”. Isso posto, é a memória discursiva que faz repercutir o que é dito ou escrito em uma determinada circunstância ideológica; é ela que nos faz levar em conta as coisas das quais nos lembramos e o modo como nos lembramos.

É a partir do conceito proposto por Courtine de memória discursiva que propomos o questionamento do efeito de memória entre os verbetes *cigano* construídos nos dicionários produzidos entre os séculos XVIII e XXI, entendendo que são enunciados que derivam de enunciados passados (e, portanto, dialogam com eles), do mesmo modo como servirão de referência para enunciados futuros; considerando, ainda, que as identidades são discursivamente construídas e que, sendo o dicionário um objeto de poder social, exerce grande influência sobre essa construção.

Na próxima seção, faremos uma retomada histórica, a fim de identificar possíveis premissas da construção identitária *para* os assim chamados *ciganos*, que reverbera, socialmente, até hoje, sobretudo no Brasil.



## 2. 2 APONTAMENTOS SOBRE OS CIGANOS

Conforme visto anteriormente, Bauman (2005), assim como outros teóricos, ressalta que identidade e pertencimento estão em constante negociação e revogação, posto que não são estáveis. Nesse princípio da instabilidade, também estão as identidades ciganas. Conforme Toyansk (2012), os ciganos têm suas identidades influenciadas pelos cenários históricos e culturais dos países nos quais vivem, bem como pelo posicionamento dos não ciganos frente à sua presença.

De acordo com Moonen (2011), o termo *cigano* é genérico e foi criado na Europa, no século XV. Shimura (2017) comenta que esse termo trata de uma exodenominação incorporada pelos grupos que se autodenominam ciganos. No entanto, é um termo generalizante, dada a divisão e subdivisão desses povos em diversos grupos étnicos espalhados por vários lugares do mundo.

Sobre esse aspecto, a literatura em ciganologia apresenta três grupos étnicos no Ocidente: *Rom*, *CaloneSinti*, “cada qual com inúmeras subdivisões e peculiaridades (linguísticas, culturais, religiosas, etc.) o que significa que cada grupo possui diferentes autodenominações a partir de sua alteridade” (SHIMURA, 2017, p. 19). Dada essa constatação, Shimura argumenta que não há uma única “cultura cigana”, mas, sim, “culturas ciganas”, dado explicitado pelo fato de que o fenômeno da “ciganidade” envolve um sem número de manifestações, formas e lugares (SHIMURA, 2016; 2017).

Nas palavras de Shimura (2017), compreender a ciganidade é uma tarefa complexa na qual se deve levar em consideração (1) aquilo que se diz sobre os ciganos baseado em um senso comum, no qual medra estigmas e forja identidades; (2) a perspectiva de uma identidade cigana global composta por elementos comuns a todos os ciganos do mundo; e (3) os elementos



particulares de cada grupo, com suas especificidades contextuais com base na alteridade. Essas ponderações alertam para o fato de que pesquisas que envolvem ciganos precisam explicitar que os resultados encontrados são específicos para determinado grupo, ainda que existam elementos globais comuns a todos os ciganos no mundo, para não cair no risco de sustentar ou criar estereótipos.

Dito isso, retomaremos, rapidamente, um contexto mais amplo, a situação do Brasil colonial no período da chegada dos ciganos, para, em seguida, nos concentrarmos no que concerne ao senso comum – ou seja, aquilo que se diz sobre os ciganos – e, mais especificamente, no contexto do Brasil.

Nas palavras de Kenrick (2007, p. 38-40), foi durante os séculos XIV e XV que se deu a primeira migração de ciganos para a Europa. De início, foram bem-vindos e despertavam interesse na população. No entanto, não demorou muito para que o Estado, a igreja e as guildas os confrontassem. Outros fatores, como a cor escura da pele e a suspeita de serem espíões ligados aos turcos, visto que vinham do Leste, também suscitaram sentimentos de desconfiança em relação aos recém-chegados.

Entre as reações desencadeadas por tais convicções, estavam as leis para puni-los. Em 1482, por exemplo, a Assembleia do Sacro Império Romano aprovou leis para banir os ciganos do seu território. Uma década depois, outros países agiram de semelhante modo. Por meio da legislação, a Coroa Portuguesa expulsou ciganos *Calon* para as suas colônias, dentre as quais, o Brasil, entre os séculos XVII e XVIII (CAIRUS, 2018, p. 50).

Teixeira (2008) evidencia a limitação de documentos que relata a presença de ciganos no Brasil entre os séculos XVI e XVII, ainda sabendo





que Portugal adotava políticas anticiganas. Sabe-se, com certeza, que os *Calon* foram os primeiros ciganos que chegaram ao Brasil, dada as expulsões de Portugal, de forma intensa, durante o reinado de Dom João V (1706 a 1750). Antes disso, em 1574, comenta-se sobre a deportação do cigano João Torres, tendo sua mulher e os seus poucos filhos presos em Portugal apenas por serem ciganos. Os ciganos *Rom* só começaram a chegar ao Brasil na primeira metade do século XIX e, em número maior, na segunda metade do século. Estes eram oriundos da Itália, da Alemanha, dos Balcãs e da Europa Central.

Ainda no Brasil Colônia, a considerada natureza nômade dos ciganos foi, por vezes, involuntariamente executada, fato que colaborou com a dispersão do grupo étnico pelo Brasil, sustentado por uma política de mantê-los em movimento (TEIXEIRA, 2008). Mesmo sendo expulsos de estado em estado, é na Colônia que encontram expectativas e oportunidades para se refazerem, superando os desafios da diáspora imposta pelo degredo (MELO *et al.* 2009 *apud* CAIRUS, 2018). Além dessa política, aos degredados era promulgado pôr “cobro e cuidado na proibição do uso de sua língua”, bem como o ensino aos seus filhos, com vistas à extinção do idioma, como bem demonstra o decreto de 11 de abril de 1718 (MORAES FILHO, 1981, p. 26).

Sob as imagens depreciativas desse olhar do não cigano, os ciganos foram crescendo em número no Brasil. Shimura (2017) retoma Goffman (1988, p. 7-8) e inscreve esses discursos sobre ciganos como “estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família”. Aos atributos e características dados aos ciganos, Shimura (2017, p. 20) ressalta



que esses “provocaram um distanciamento social com as sociedades em que se encontravam inseridos”.

Na produção literária, na pintura e na música produzida no Brasil, não é difícil encontrarmos personagens ciganos formatados por estigmas ao longo dos séculos. Entre as produções literárias, a obra *Memórias de um sargento de milícias*, escrita por Manoel Antônio de Almeida no século XIX, apresenta uma descrição sobre ciganos engendrada pelos mesmos sentidos contidos nos verbetes de dicionários desse período. Na pintura, o artista francês Jean Baptista Debret apresenta duas telas nas quais retrata os ciganos no início do século XIX. No entanto, como ressaltou Cairus (2018, p. 91), em vez de descrever a tela como “[i]nterior de uma morada cigana”, Debret escreve suas impressões gerais denominando-a “raça depravada que incentiva o roubo, cristãos estúpidos, e inventores de uma língua para dissimular atos criminosos em seus comércios”.

Aqui, também, evidenciamos a construção do discurso dicionarístico. Este, desde o Brasil colônia, é construído sob essas atribuições estigmatizadas que, por séculos, contribuem para a formação e manutenção de uma identidade *para* ciganos destoante de sua identidade autorreconhecida e fluida, como qualquer outra. Como bem resalta Albuquerque Júnior (2011, p. 30), “o discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e autossuficiente que se arroga no direito de dizer o que é o outro em poucas palavras”. É sobre os discursos que constam nos dicionários que nos debruçaremos a partir do próximo ponto, buscando compreender a categoria de memória discursiva na formação do verbe *cigano*.



### 3. DO SÉCULO XVIII AO SÉCULO XXI: ANÁLISE DO VERBETE DICIONARÍSTICO CIGANO E DE SEUS DERIVADOS

Para a Análise do Discurso, o dicionário não é apenas uma lista de palavras com suas respectivas definições e exemplos, mas, antes disso, é um objeto discursivo (NUNES, 2010). Nesse sentido, Nunes (2010) destaca que o dicionário não é algo concretizado na mente das pessoas antes de elas nascerem, mas é algo produzido sob certas condições históricas de produção. Assim, o dicionário é tido como um discurso sobre a língua, sobre os sentidos das palavras e sobre a realidade para os leitores em certas condições sociais e históricas.

A partir das perspectivas de que o dicionário é um instrumento de produção, manutenção e distribuição do discurso; e de que, em seus verbetes, ecoa uma memória discursiva, propõe-se, aqui, uma análise cronológica do verbete *cigano* e de seus derivados (*cigana*, *ciganaria*, *ciganice*, *ciganos*), com intuito de analisar como esses verbetes foram/são materializados e de que modo se refletem naquilo que se produz socialmente enquanto identidade cigana.

Para tanto, no decorrer desta pesquisa, fizemos a utilização de oito dicionários, que perpassam desde o século XVIII até o século XXI. A escolha desses dicionários utilizou, como critério de seleção, seu alcance dentre o público brasileiro. O dicionário mais antigo de que fizemos uso foi publicado no século XVIII, com sua primeira edição ainda em Lisboa. A partir dessa seleção, pretendemos identificar como o verbete *cigano* vem sendo materializado desde o período colonial até os dias atuais.



### Quadro 1 - Verbetes *cigano* e seus derivados em dicionário do século XVIII

SÉCULO	DICIONÁRIO	VERBETE
XVIII	<i>Diccionario de Lingua Portuguesa</i> (1789) Antonio de Moraes Silva 1ª ed. Lisboa	<b>Cigana, fem.</b> de cigano. <i>ciganas</i> : brincos de um so pingente de aljofar. <b>Cigano:</b> um dos carneiros que guia, entre Pastores. Cigano, adj. que engana com arte, subtileza, e bons modos. <b>Ciganaria, s. f.</b> Multidao de Ciganos. fig. Enredo, embuste, trapaca de cigano. <b>Ciganice, s. f.</b> chulo. Afago, linzonjarias para ganhar a vontade iludindo, negociando. <b>Ciganos, s. m. pl.</b> Raça de gente vagabunda, que diz vem do Egito, e pretende conhecer de futuros pelas rayras, ou linhas da mao, deste embuste vive, e de trocas, e baldrocas, ou de dançar, e cantar: vivem em bairros juntos, tem alguns costumes particulares, e uma especie de Germania com que se entendem.

Fonte: Elaboração própria com base em Silva (1789).

Antonio de Moraes Silva nasceu no Rio de Janeiro em 1755 e se formou em Direito pela Universidade de Coimbra. O seu dicionário constitui a mais importante referência da história da lexicografia portuguesa: estabeleceu as origens e fundamentou toda a genealogia lexicográfica desenvolvida ao longo dos últimos 200 anos. A publicação do *Diccionario de Lingua Portuguesa*, em 1789, foi um acontecimento que documentou as mudanças históricas para a língua e para a cultura portuguesa. Foi fator primordial de harmonia linguística entre Portugal



e Brasil, pois se tratava de um dicionário publicado em Portugal por um natural do Rio de Janeiro (VERDELHO, 2003).

A primeira edição, publicada em 1789, já foi organizada tendo como base o primeiro dicionário de Portugal, escrito e publicado pelo Padre Raphael Bluteau, em 1712. Na obra do Clérigo, “repercute as preocupações que a Igreja tinha com o comportamento considerado herege dos Ciganos, no início do século XVIII” (TEIXEIRA, 2008, p. 6). Contudo, desde essa primeira edição do *Diccionario de LinguaPortuguesa*, já não constava no verbete os aspectos ligados à religião evidenciados por Bluteau (1712). Teixeira (2008) alega que essa ausência não estaria ligada à formação religiosa do lexicógrafo, mas, sim, ao novo tratamento que era dado aos ciganos no século XIX, o qual suavizava a atribuição de herege e colocava em debate a compreensão de ciganos enquanto “raça e grupo socialmente desclassificado”. Outra hipótese refere-se ainda ao fato de que a ausência desse discurso que apontava os ciganos como hereges, sustentado por uma posição-sujeito de poder representada pela Igreja, sai da obra de Silva pelo fato de ele também ser considerado um herege pela Igreja, tendo, inclusive, fugido da Inquisição.

Apesar disso, Antonio Morais e Silva repete as mesmas derivações de Bluteau, como, por exemplo, a acepção “ciganas: brincos de um so pingente de aljófar” (SILVA, 1789, on-line). Consultamos o verbete *aljofar* nesse mesmo dicionário e a encontramos conceituada como “a pérola menos fina, menos graúda, desigual” (SILVA, 1789, on-line), significado que retoma, no não-dito, a memória discursiva de cigano enquanto irregular e de valor inferior.



Vale salientar que esse dicionário, por mais que tenha sido escrito por um brasileiro, foi elaborado e publicado em Portugal. Lá, no fim do século XVII e no início do século XVIII, os ciganos eram expulsos do país pela Coroa Portuguesa por vários fatores, entre eles a cor escura da pele, a suspeita de serem espiões mandados por turcos, desconfianças, entre outros. Isso explica os termos pejorativos encontrados no dicionário, como *embuste*, *trapaça de cigano*, *gente vagabunda* e *que engana*.

A análise histórica do verbete *cigano* traz muitas questões sobre a identidade. Podemos perceber que existem práticas intolerantes devido à naturalização dos verbetes nos dicionários, produzidos por um dado sujeito que determina o significado da palavra, estabelecendo um sentido que se perpetuará por anos como verossímil.

Como podemos ver, o *Diccionario de LinguaPortuguesa* do século XVIII traz muitos termos pejorativos tanto para o verbete *cigano* como para as palavras que dele derivam. A visão se baseia na memória discursiva que o termo *cigano* evoca desde sua chegada à Europa, tido, então, com desconfiança e sob suspeita de espionagem, baseado em sua origem geográfica e em sua raça. Tal interpretação desse povo, eventualmente, tornou-se parte de enunciados posteriores a este, contribuindo para a manutenção de tal discurso acerca do povo cigano, uma vez que, conforme afirma Foucault (2010, p. 113), “não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reutilize outros enunciados”.



Quadro 2 – Verbetes *cigano* e seus derivados em dicionário do Século XIX

(Continua)

SÉCULO	DICIONÁRIO	VERBETE
XIX	Diccionario da Lingua Brasileira (1832)  Luiz Maria da Silva Pinto  1 ed.  Ouro Preto	<b>Cigana</b> , feminino de cigano. Ciganas, s. f. Arrecadas que tem hum pingente so de aljófar.  <b>Cigano, a. m. f.</b> Raça de gente vagabunda, de costumes particulares, e linguagem com que se entendem. Cigano, adj. Que engana com sutileza, e bons modos.  <b>Ciganaria, s. f.</b> Multidão de ciganos. Embuste, trapaça de cigano. Vida de costumes de cigano.
XIX	Diccionario da LinguaPortugueza (1890)  Antonio de Morais Silva  8 ed.  Rio de Janeiro	<b>Cigano. s. m. pl.</b> (nome correspondente ao Ital. singari. Allem. sigeuner, que é dos muitos dados a essa raça, que os inglezes chamam gypsies (egyplii), os hespanhoesgilanos (egyplanii), os francezesbohémians, etc. elles na Hespanha e n'outros paizes chamam-se a si proprioscaló, fem. (calh) Raça de gente vagabunda, que diz vir do Egypto, e pertende conhecer de futuros pelas raias, ou linhas da mão; vivem em bairros juntos, tem alguns costumes particulares, e uma especie de germania, com que se entendem. Hoje está demonstrada a origem indiana dos ciganos; a sua lingua não é uma germania ou giringonça, mas sim um dialecto, dividido em sub-dialectos, que se liga às linguas de tronco sanskritico; na Hespanha, simplificando-a muito, e misturando-a com algumas formas grammaticaes suas, mas conservando uma parte de seu antigo vocabulario.



SÉCULO	DICIONÁRIO	VERBETE
XIX	Diccionario da LinguaPortugueza (1890) Antonio de Morais Silva 8 ed. Rio de Janeiro	Os ciganos não são só vagabundos e embusteiros, como geralmente se acredita; muitas tribus ou dos indivíduos que as compõem revelam grande habilidade para certas artes, principalmente para a de caldeireiro, entre elles tradicional.Sobre elles, lê-se na Ord. do Reino I. 5. IiI. 69: Mandamos que os siganos, assim homens, como mulheres, Arabes, Gregos, Armenios, Persas não entrem nos nossos Reinos; e entrando sejão presos, e açoulados com baraço, e pergão; e depois lhes seja assignado tempo para sahiremfóra d'elle. Cigano, um dos carneiros de guia, entre pastores. adj. lig. que engana com arte, subtileza, e bons modos. <b>Ciganaria.</b> s. f. Multidão de ciganos. fig. Enredo, embuste, trapaça de cigano.

Fonte: Elaboração própria com base em Pinto (1832) e em Silva (1890).

Luiz Maria da Silva Pinto nasceu na província de Goiás, em 1775; e faleceu em Ouro Preto, em 1869. Exerceu carreira no Estado, foi secretário do governo, diretor do censo em 1852, vice-diretor geral da Instituição Pública, diretor do 1º Círculo Literário e do Liceu Mineiro e dono da Tipografia Silva. O *Diccionario da Lingua Brasileira* foi o primeiro volume publicado em terras brasileiras, e seu título se deu por questões políticas: a abdicação de D. Pedro I, a instalação de um governo regencial, as discussões em torno das reformas liberais, os diferentes movimentos sociais espalhados pelo Império foram fenômenos banhados em intensa disputa sobre identidade e cidadania. O nome *brasileiro*, em vez de *português*, não era em vão: existia um interesse de não querer atribuir ao dicionário o título de língua portuguesa, pois os portugueses eram inimigos com quem se disputava cargos públicos e decisões sobre o rumo da política (LIMA, 2006).



Ao analisar o verbete *cigano* e seus derivados no *Diccionario da Lingua Brasileira* de Luiz Maria da Silva Pinto, é notável a influência que o *Diccionario de LinguaPortuguesa*, publicado por Antonio de Moraes Silva em 1789, teve sobre ele. Ainda que publicados com 43 anos de diferença, ambos trazem definições semelhantes para o verbete *cigano*, mantendo o conteúdo pejorativo e preconceituoso já estabelecido no século XVIII e sustentado na memória discursiva.

Ainda no século XIX, é realizada a 8ª edição revista e melhorada do *Diccionario de LinguaPortuguesa* sob o nome de Antonio de Moraes Silva. Pouco mais de um século após sua primeira publicação, as alterações apresentadas no dicionário nos anos 1890 são perceptíveis. Além do nítido aumento no tamanho do verbete, chamamos a atenção ao acréscimo de informações que dizem respeito (1) à diversidade de nomes pelos quais esse povo é intitulado em diversas regiões e o acréscimo do nome pelo qual se autodeclara, *caló*; (2) à sua origem geográfica; (3) à natureza de sua língua, entendida como um dialeto dividido em subdialetos e que possui relação com as línguas de tronco sanscrito; (4) à origem da concepção identitária do povo cigano por um meio de um recorte da Ordem do Reino de Portugal, no qual é decretada a proibição de entrada desse povo no Reino, além de descrever as punições cabíveis aos que adentrassem.

Dentre as informações acrescidas, apontamos o teor depreciativo do recorte da Ordem do Reino. A partir dele, analisamos a inferiorização desse povo criada pelo Reino de Portugal, uma vez que este não era tido como digno de ao menos entrar no Reino. Não obstante, a Ordem autoriza a prisão dos ciganos, bem como hostilidade para com eles e a determinação de tempo para que deixem as terras do Reino. A aquiescência de tais atitudes não



apenas mostra o valor inferiorizado do povo cigano com relação à Coroa de Portugal, mas, também, outorga o rebaixamento daqueles em relação ao povo.

Além dos acréscimos feitos na segunda edição do *Diccionario de LinguaPortugueza*, salientamos, também, que, entre as duas edições, houve apagamentos nos verbetes derivados de *cigano*. Estes foram os verbetes *cigana* e *ciganice*, que, já na oitava edição, não constavam no dicionário. O verbe *ciganaria*, entretanto, permaneceu nessa edição sem qualquer alteração.

É importante notar, igualmente, que, em determinado trecho do verbe *cigano*, houve uma ínfima, porém clara, tentativa de modalizar o discurso referente a esse povo. Nele, o dicionário investe na suavização do conteúdo discriminatório para com o termo *cigano* ao dizer que estes “não são só vagabundos e embusteiros, como geralmente se acredita”. Esta tentativa, porém, se faz infrutífera perante os inúmeros termos pejorativos que o dicionário traz no restante do verbe *cigano* e em seus derivados, tais como *embuste*, *trapaça* e *raça de gente vagabunda*.

O tratamento se assemelha ao que o Padre Raphael Bluteau teve deste povo ao escrever o primeiro dicionário de Portugal, em 1712. Neste, como anteriormente dito, o Padre levava em consideração a preocupação da igreja para com o comportamento desse povo, concebendo-os enquanto hereges e raça e grupo socialmente desclassificado (TEIXEIRA, 2008). Tais perspectivas possivelmente serviram como influência na escrita do *Diccionario de LinguaPortugueza*, reverberando tal imagem, apesar de não mais atrelada à visão da igreja.

Ressaltamos, além disso, que na produção do *Diccionario de LinguaPortugueza*, apenas as duas primeiras edições, nos anos de 1789 e 1813, tiveram a autoria de Antonio de Moraes Silva. Após seu falecimento, em



1824, as edições seguintes contaram com a coautoria de diversos escritores, até a sua décima impressão (VERDELHO, 2003). Apesar de a primeira edição revista e ampliada desse dicionário, após a primeira (1789), ter sido sua a oitava edição, no ano de 1890, as edições anteriores, entre a segunda e a sétima, tiveram acréscimos nos verbetes feitos por seus respectivos coautores.

Quadro 3 – coleta do verbete cigano e seus derivados em dicionário do século XX

SÉCULO	DICIONÁRIO	VERBETE
XX	Nova Enciclopédia da Língua Portuguesa (Dicionário de sinônimos) (1971)  Antenor Vieira de Mello  Volume VII  Rio de Janeiro	<b>Cigano.</b> Sin. - Astuto, velhaco, trapaceiro; esperto, ladino, sabido. Errante, boêmio, nômade.  <b>Ciganagem.</b> Sin. - Contrabando, mercancia, negócio.  <b>Ciganice.</b> Sin - Traficância.
XX	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)  Aurélio Buarque de Holanda Ferreira  2. ed.  Rio de Janeiro	<b>Cigano.</b> 1.Indivíduo de um povo nômade, provavelmente originário da Índia e emigrado em grande parte para a Europa Central, de onde se disseminou, povo esse que tem um código ético próprio e se dedica à música, vive de artesanato, de ler a sorte, barganhar cavalos, etc. [Sin.: boêmio, gitano; calom (bras.); judeu (MG); quico (MG e SP).] 2.Fig. Indivíduo boêmio, erradio, de vida incerta. 3. Fig. Indivíduo trapaceiro, trampolineiro, velhaco. 4. Fig. Vendedor ambulante. 5. Designação de um dos carneiros de guia. Adj. 6. Errante, nômade. 7. Ladino, astuto; trapaceiro.  <b>Ciganice.</b> S. f. 1. Ciganada (1). 2. Trapaça em compras ou vendas; tratantada, traficância. 3, Lisonja ardilosa. 4. Pedincharia.

Fonte: Elaboração própria com base em Mello (1971) e em (Ferreira, 1986).



No primeiro material do século XX analisado, o autor Antenor Vieira de Mello, além de professor de português durante 15 anos em Pernambuco, também foi bacharel em Direito, advogado no Rio de Janeiro e GB. da Academia Brasileira de Filologia e da Academia Teresopolitana de Letras. Além disso, foi responsável pelo volume VII, em 1971, do dicionário de sinônimos, antônimos, parônimos e homônimos da *Nova Enciclopédia da Língua Portuguesa*.

A escolha da utilização de uma enciclopédia se deu porque, em geral, seu conhecimento é baseado em fontes acadêmicas da época em que é produzida, além de ser um canal bastante utilizado em pesquisas, especialmente as mais breves, como é o caso dessa edição de sinônimos.

É sabido que tanto a visão preconceituosa quanto a não preconceituosa de um certo período pode ser deduzida através dos verbetes (WILLEMS, 1990). Nessa enciclopédia, constatamos que a maioria dos sinônimos são pejorativos, mostrando que essas informações são consideradas “importantes” na época. Salientamos que o público consumidor dessa enciclopédia é majoritariamente de classe alta e parte de uma elite social que, por sua vez, possuía grande influência nas tomadas de decisão em questões políticas. Uma vez que a enciclopédia tem o papel de difundir os sentidos e sinônimos de partículas lexicais de uma língua com certa autoridade, podemos inferir que a visão que a *Nova Enciclopédia da Língua Portuguesa* propaga aos grupos hegemônicos é, especialmente, depreciativa, o que gera repercussões sociais. Esse é o principal problema encontrado na enciclopédia, visto que são instrumentos de autoridade (WILLEMS, 1990) e que, neste caso, essa autoridade é exercida de maneira a depreciar um povo.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, autor do segundo material do século XX analisado, nasceu no Rio de Janeiro em 1910 e faleceu 1989. Formado em Direito, foi lexicógrafo, filólogo, professor, tradutor, ensaísta



e crítico literário brasileiro. Além disso, foi o autor do *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* e membro da Academia Brasileira de Letras.

Um dos primeiros grandes marcos na representação identitária cigana ocorreu no século XX, protagonizado pelo ativista Mio Vacite, cigano de etnia *Rom*, fundador da União Cigana do Brasil (UCB) e responsável por uma das primeiras ações do “movimento cigano” no país. Esse movimento pediu para que os autores de dicionários mudassem a definição do verbete *cigano*. O *Dicionário Aurélio*, um dos mais adotados pelas escolas no Brasil e de grande circulação nacional, considerou o pedido de revisão e, em 1988, retirou os sinônimos pejorativos *trapaceiro* e *velhaco* contido na publicação de 1986. Para Mio, essa mudança foi uma grande conquista para o movimento cigano no que diz respeito à representação da identidade cigana na esfera pública (SOUZA, 2013).

#### Quadro 4 – Verbetes *cigano* e seus derivados em dicionário do século XXI

(Continua)

SÉCULO	DICIONÁRIO	VERBETE
XXI	Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009)  Antonio Houaiss e Mauro de Salles Villar  1ª ed.  Rio de Janeiro	<b>Cigano.</b> adj. 1 relativo ao ou próprio do povo cigano; zíngaro <música c.><vida c.><esperteza c.>. adj.s.m. 2 relativo a ou indivíduo dos ciganos, povo itinerante que emigrou do Norte da Índia para o oeste (antiga Pérsia, Egito), de onde se espalhou pelos países do Ocidente; calom, zíngaro. 3. que ou aquele que tem vida incerta e errante; boêmio. 4. vendedor ambulante de quinquilharias; mascate 5. que ou aquele que faz barganha, que é esperto ao negociar. 6. que ou o que serve de guia ao rebanho.

(Continua)

SÉCULO	DICIONÁRIO	VERBETE
XXI	Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009)  Antonio Houaiss e Mauro de Salles Villar  1ª ed.  Rio de Janeiro	<b>Ciganear.</b> 1 int. comportar-se como cigano <c. com malícia> 2 int. levar vida erradia, boêmia <ciganeava desde a juventude> 3int. pej. agir com astúcia e falsidade; trapacear, intrujar.  <b>Cigana.</b> Subst. feminino 1. mulher do povo cigano. 2. Derivação: por extensão de sentido. Mulher vestida com trajes ciganos ou semelhantes e que supostamente lê a sorte das pessoas.
XXI	Aurélio (escolar) (2001)  Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e Margarida dos Anjos  4ª ed.  Rio de Janeiro	<b>Cigano.</b> sm.1. Indivíduo de um povo nômade, que tem um código ético próprio, vive de artesanato, de ler a sorte, e se dedica à música. 2. Homem de vida incerta.  <b>(Site de busca)</b> 1-Viver ou comportar-se como cigano. 2 - Levar vida errante. 3 - Enganar alguém com astúcia.
XXI	Michaelis (2019)  Henriette Michaelis  Editora Melhoramentos  Atualizado 2019 Versão online	<b>Cigano.</b> adjsm 1. Diz-se de ou povo nômade, originário do noroeste da Índia, que emigrou para a Europa central e que, atualmente, encontra-se presente com sua cultura e costumes em vários países do Ocidente. Dedicar-se ao comércio de cavalos, música, prática das artes divinatórias, artesanato, venda de miudezas etc.; calom, quico, zíngaro. 2. FIG Que ou aquele que tem grande habilidade para o comércio. 3. PEJ Diz-se de ou mercador ambulante, que oferece miudezas em domicílios. 4. PEJ Que ou aquele que leva vida itinerante e/ou de boêmio. 5. Diz-se de ou carneiro treinado para guiar rebanhos.  <b>Ciganear.</b> 1. Proceder como cigano. 2. Levar vida itinerante, como a do cigano. 3. FIG. Agir com esperteza. <b>Ciganice.</b> 1. Ciganada. 2. PEJ. Adulação para atrair a confiança de uma pessoa. 3. PEJ. Lamentação com objetivos escusos.

SÉCULO	DICIONÁRIO	VERBETE
XXI	Michaelis (2019)  Henriette Michaelis  Editora Melhoramentos  Atualizado 2019 Versão online	<b>Ciganada.</b> 1. COLOQ. Esperteza própria de ciganos; ciganice. 2. Reunião de ciganos.  <b>Cigana.</b> 1. Mulher que pertence ao povo cigano. 2. OCULT. Mulher itinerante, que usa trajes coloridos como os dos ciganos e pratica a quiromancia.

Fonte: Elaboração própria com base em Houaiss Villar (2009), em Ferreira e Anjos (2001), em Michaelis (2019).

Antonio Houaiss, autor do nosso primeiro dicionário de análise do século XXI, nasceu no Rio de Janeiro no ano de 1915 e faleceu em 1999. Ele foi professor, diplomata e filólogo, formado em Letras Clássicas pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

Ao analisar o verbete *cigano* nesse dicionário, constatamos que os termos pejorativos como *vida errante* e *aquele que faz barganha* se encontram presentes nessa definição. Quando observamos o verbete *ciganear*, também percebemos a presença de termos depreciativos como *com malícia*, *agir com astúcia e falsidade* e *trapacear, injuriar*. Semelhantemente, o termo *cigana*, apesar de não conter trechos difamatórios, ainda trabalha na construção discursiva de uma *mulher vestida com trajes ciganos*. Apesar de essa ser uma possibilidade para descrever a mulher cigana, ela não representa a multiplicidade da indumentária feminina dessa cultura, desprezando a existência de mulheres ciganas que não usam esses trajes ou que os utilizam em momentos históricos específicos. Tal verbete, mesmo que não



imediatamente negativo, contribui para a manutenção de uma memória discursiva estereotipada desse grupo social.

Souza (2013) acompanhou, em 2012, a mudança publicizada envolvendo uma demanda judicial do Ministério Público Federal de Uberlândia iniciada em 2009 por uma pessoa cigana. A demanda exigia supressão de termos pejorativos no verbete *cigano* dos dicionários das editoras Objetiva, Globo e Melhoramentos. A editora Objetiva, porém, não atendeu ao pedido do MPF. Vejamos, abaixo, parte da notícia veiculada no sitedo MPF:

27 de fevereiro de 2012 às 17h: MPF/MG vai à Justiça para mudar verbete do Dicionário Houaiss - O Ministério Público Federal (MPF) em Uberlândia (MG) ajuizou ação civil pública contra a Editora Objetiva e o Instituto Antônio Houaiss para a imediata retirada de circulação, suspensão de tiragem, venda e distribuição das edições do Dicionário Houaiss que contêm expressões pejorativas e preconceituosas relativas aos ciganos. [...] Publicação teria referências preconceituosas contra minoria étnica e editora se recusou a suprimi-las - Para ele, o fato de as afirmações serem feitas por uma publicação, que, por sua própria natureza, encerra um sentido de verdade, agrava ainda mais a situação. “Ora, trata-se de um dicionário. As pessoas consultam-no para saber o significado de uma palavra. Ninguém duvida da veracidade do que ali encontra. Sequer questiona. Pelo contrário. Aquele sentido, extremamente pejorativo, será internalizado, levando à formação de uma postura interna pré-concebida em relação a uma etnia que deveria, por força de lei, ser respeitada”. (MPF, MG).

Os dicionários *Houaiss* e *Aurélio* são os mais utilizados em escolas do Brasil; e, com o avanço da tecnologia, continuaram a ser os mais procurados em aplicativos e buscas online. Depois do embate entre Mio Vacite e o lexicógrafo do *Aurélio*, conseguimos ver mudanças entre as edições do século XX e XXI, bem como em sua busca online.





Na quarta edição do *Aurélio (escolar)*, publicada em 2001 por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, agora em coautoria com Margarida dos Anjos, podemos ver que os termos pejorativos já não se encontram presentes na definição do verbete *cigano*, diferentemente da segunda edição do *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, de 1986, que utiliza, mais de uma vez, o termo *trapaceiro* para descrever esse povo e os termos *trapaceiro* e *traficância* para definir o verbete *ciganice*. Diferentemente de sua versão escolar de 2001, entretanto, ao utilizar o site de busca do *Dicionário Aurélio*, encontramos uma definição diferente para o verbete *cigano*, ainda trazendo esse significado caluniador de *enganar alguém com astúcia*.

Henriette Michaelis nasceu na Alemanha em 1849. Foi filóloga, romanista e lexicógrafa e, em colaboração com sua irmã, Carolina Michaelis de Vasconcelos, criou o *Dicionário Michaelis*. Apesar de estarmos analisando o *Dicionário Michaelis* do século XXI, é interessante salientar que sua primeira versão foi publicada no século XIX. A partir de 1950, a edição do dicionário passou a ser feita pela Editora Melhoramentos, tornando-se líder no mercado no Brasil e em Portugal, com edições em diversos idiomas. Ressaltamos, também, que utilizamos, nesta pesquisa, a versão online do dicionário, uma vez que ele é, majoritariamente, comercializado em suas versões de línguas estrangeiras no Brasil e que seu exemplar em português é mais acessível em sua variante online.

Nesse dicionário, encontramos um grande número de palavras relacionadas ao termo *cigano*: *ciganear*, *ciganice*, *ciganada* e *cigana*. Com exceção do próprio termo *cigano*, todos os demais derivados possuem termos pejorativos (*lamentação com objetos escusos*) ou generalizantes desse povo (*levar a vida itinerante, como a do cigano e mulher itinerante*,



que usa trajes coloridos como os dos ciganos e pratica a quiromancia), o que, dificilmente, consegue abarcar toda a diversidade dessa cultura.

Estudar os enunciados dos dicionários nos dá respaldo para muitas análises, principalmente para aquelas que levam em conta a história, o discurso, a memória, bem como os interesses políticos e religiosos de cada época. Por esse motivo, finalizamos as análises concordando com Tavares, segundo a qual “Os dicionários mudam conforme o discurso se modifica e o discurso, por sua vez, conforme muda a história” (TAVARES, 2018, p. 30).

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Este trabalho buscou compreender a construção da identidade *para* os assim chamados *ciganos* por meio da memória discursiva engendrada no imaginário dos não-ciganos e materializada nos verbetes *cigano* e em seus derivados, considerando que os dicionários são objetos de poder e conferem autoridade às informações que neles se encontram.

Partimos, nesse sentido, da seleção de oito dicionários publicados entre os séculos XVIII e XXI – uma vez que estes são os dicionários disponíveis em português publicados por brasileiros –; e realizamos uma análise do verbe *cigano* e de seus derivados. Para tanto, utilizamo-nos do aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso francesa, valendo-nos da concepção de enunciado proposta por Foucault (2010) e do conceito de memória discursiva proposta por Courtine (2009), a fim de fundamentar nossa análise e compreender a formação dos efeitos de sentido construídos nos dicionários.

Em nossa análise, pudemos perceber que a presença de termos pejorativos no verbe *cigano* e em seus derivados desvaloriza, deprecia ou generaliza a cultura cigana, de modo a perpetuar a ideia de que só existe uma maneira de *ser cigano*, e esta será, majoritariamente, negativa.





Vale salientar que a construção identitária aqui analisada não foi feita por ciganos para descrever seu povo, mas se trata de uma identidade produzida *para* ciganos por outros grupos sociais, o que propicia a caracterização estereotipada desse povo, propagada, discursivamente, por séculos, tornando-se parte da memória discursiva.

Entendemos que a retirada de parte e mesmo de todos os termos pejorativos contidos no verbete *cigano* do dicionário – aqui, citamos o *Aurélio*, em 1988 (mesmo este ainda apresentando definições preconceituosas) e *Michaelis*, em 2019 – não soluciona o problema estabelecido na/pela memória discursiva. Ainda assim, é um passo em um processo em construção.

Discursivamente, o dicionário é um instrumento de poder, e seus significados irão reverberar socialmente de diversas formas. Apesar de compreender que o discurso nunca se constituirá como neutro; e que sempre estará perpassado por ideologias em maior e menor grau, entendemos que não pode generalizar um grupo social baseado em uma imagem socialmente construída nem, muito menos, contribuir para a manutenção de um discurso discriminatório iniciado no século XV.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista Benezetto Vecchi. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAIRUS, B. G. **Ciganos Roms do Brasil**: imagens e identidades diaspóricas na contemporaneidade. 2018. 274f. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.





CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

COURTINE, J.J. **Análise do Discurso: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. Tradução de Bacharéis em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. São Carlos: EdUFSCar, 2009

FAZITO, D. A identidade cigana e o efeito de “nomeação”: deslocamento das representações numa teia de discursos mitológico-científicos e práticas sociais. **Revista de Antropologia**, v. 49, n. 2, p. 689-729, 2006.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2010.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOLDFARB, M. P. L. **Memória e etnicidade entre os ciganos em Sousa-PB**. João Pessoa: UFPB, 2013

GREGOLIN, M. R. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 4, n.11, p.11-25, nov. 2007.

HALL, S. **A identidade cultura na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

KENRICK, D. **Historical Dictionary of the Gypsies (Romanies)**. Lanham; Toronto; Plymouth: Scarecrow Press, 2007.

LIMA, I. S. **Luís Maria da Silva Pinto e o Dicionário da Língua Brasileira** (Ouro Preto, 1832). Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; PUC-RJ, 2006.

LOCATELLI, M. A. **O ocaso de uma cultura: uma análise antropológica dos ciganos**. Santa Rosa: Barcellos, 1981.



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL DE MINHAS GERAIS. MPF/MG vai à Justiça para mudar verbete do Dicionário Houaiss. MPF-MG, Belo Horizonte, 27 fev. 2012. Disponível em: [www.mpf.mp.br/mg/sala-de-imprensa/noticias-mg/mpf-mg-vai-a-justica-para-mudar-verbete-do-dicionario-houaiss](http://www.mpf.mp.br/mg/sala-de-imprensa/noticias-mg/mpf-mg-vai-a-justica-para-mudar-verbete-do-dicionario-houaiss). Acesso em: 17 jun. 2019.

MOONEN, F. **Anticiganismo no Brasil**: os ciganos na Europa e no Brasil. 3 ed. Recife: Frans Moonen, 2011. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pacto\\_nacional\\_em/anticiganismo.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pacto_nacional_em/anticiganismo.pdf). Acesso em 19 abr. 2020.

MORAES FILHO, M. **Os ciganos no Brasil e o cancioneiro dos ciganos**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1981.

NUNES, J. H. Dicionários: história, leitura e produção. **Revista de Letras**, Taguatinga, v. 3, p. 6-21, 2010.

SHIMURA, M. I. **Identidades ciganas no Brasil**. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 30. 2016, João Pessoa. **Anais[...]**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2016.

\_\_\_\_\_. **Ser cigano**: a identidade étnica em um acampamento Calonintinerante. Maringá: Amazon, 2017.

SILVA, A. M. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Oitava edição revista e melhorada. Vol. I. A-E. Editora Empresa Litteraria Fluminense. Rio de Janeiro: Sede; Lisboa: Succursal, 1890.

SOUZA, M. A. **Ciganos, roma e gypsies**: projeto identitário e codificação política no Brasil e Canadá. 2013. 350 f. Tese (Doutorado em Antropologia). – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

SOUSA SANTOS, B. Modernidade, identidade e cultura de fronteira. **Tempo social**, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 31-52, 1993.

TAVARES, E. Q. **Discurso, identidade e Nordeste**: uma análise dos verbetes *paraíba* e *baiano* em dicionários de língua portuguesa. 2018. 56f.



Monografia (Licenciatura em Letras-Português) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

TEIXEIRA, R. C. **História dos ciganos no Brasil**. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.

GUIMARAIS, M. T. S. **O associativismo transnacional cigano: identidades, diásporas e territórios**. 2012. 231 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

VERDELHO, T. O Dicionário de Moraes Silva e o início da Lexicografia Moderna. *In: História da língua e história da gramática - Actas do encontro*. Braga, Universidade do Minho/ ILCH, 2003.

WILLEMS, W; LUCASSEN, L. **The church of knowledge**: Representation of gypsies in dutch encyclopedias and their sources (1724-1984). *In: MATT T. (Org.). 100 years of Gypsy Studies*. Cheverly: The Gypsy Lore Society, 1990. p. 31-50.

